

Suzana Pagot. *Lugares que esperam*. Caxias do Sul: Liddo, 2021. 132p.

A condição do poeta é a de um exilado, senão a de um marginal. Não em um sentido econômico, embora muitas vezes também, mas no sentido de um lugar de experiência, de um destino artístico, de uma das artes mais solitárias, que converte seus praticantes em um tipo de criatura que se acostuma a observar a existência desde a periferia, apegada a pequenos detalhes quase sempre irrelevantes para a tribo, incapaz de aceitar a política massificante dos grandes discursos, resistente às explicações dos números, dos dados, da aparente coerência das palavras gastas com que a comunidade comercia quase tudo.

Questão antiga e talvez insolúvel é saber o que veio primeiro, a exclusão, o exílio, ou uma espécie de necessário e reativo autoexílio. Como quer que seja, posto ao costado, morador dos arrabaldes também do idioma — um lugar em que se fala de modo mais econômico, mais sopesado, entre o exílio e a margem, aí o poeta funda o seu ponto de vista, para convertê-lo em poema, possível ponte entre os dois mundos, o do eu e o dos outros, o do sentido existencial interior, feito verdade periférica, e do sentido existencial exterior, feito experiência comunicativa. Porque talvez seja preciso exilar-se do espaço para enxergar suas tramas e seus enleios, porque talvez seja preciso exilar-se de si mesmo para saber quais são os movimentos, os desvãos anímicos. Estar à margem é o que permite alcançar a marginalidade das palavras em sua representação, sempre um invólucro das coisas, uma borda das coisas, não seu centro.

Tais reflexões me vêm da leitura do livro *Lugares que esperam*, de Suzana Pagot, não à toa dividido em duas partes, *Exílios* e *Matas ciliares*, expondo, a uma só vez, uma condição e uma natureza do fazer poético, reconhecíveis tanto no conjunto da obra

quanto em suas partes, nos poemas e nos versos, que a seguir destacarei a modo de exemplo e como maneira de realçar as virtudes da poeta.

Começo pelo poema “Ausência (21), em suas duas primeiras estrofes:

Mesmo que não saibas  
a cidade ficou diferente  
um tom a mais ou a menos  
no colorido de repente

No meu café  
pingo duas ou três gotas de tristeza  
costume largo (...)

Já de início é possível perceber o alheamento de quem se desloca para fora do eixo onde as coisas todas passam despercebidas. Para quem está no centro, no fluxo da cidade, as mudanças são aceitas passivamente, à velocidade dos dias. Mas para quem vê a tudo do exílio, cada pequena alteração é denunciável, “a cidade ficou diferente”, mesmo à gradação das minúcias, “um tom a mais ou a menos”, e à poeta, desde fora, resta resistir ao apagamento das diferenças. Dentro do mundo, de volta ao café que lhe deveria ser fiel por ser seu, só resta, diante das mudanças, adoçar a bebida com uma particular tristeza, pois não será a primeira das traições, nem a última. O tipo de fidelidade que a voz lírica nos assevera só existe aos olhos da própria microscopista que apela aos que só veem o macro. Na sequência do mesmo poema ela diz:

Corro para te contar as novidades  
bobagem  
andas por outras paragens

E assim configura-se o drama do tempo mais lento do exilado, cujas novidades são sempre antigas ou chegam tarde demais. Este senso de inadequação será uma constante no livro de Suzana Pagot, algo que podemos chamar, de maneira mais direta, de não-pertencimento.

O que não significa, como vemos no poema “Tristimania” (25), que a persona lírica se conforme com sua condição de inútil versificadora, porque mais inútil é a linguagem que reduz as coisas à sua mera utilidade:

Triste mania das coisas inúteis  
Batizadas na gênese  
Na curvatura dos gráficos  
Gélidos, rijos exatos

Nomeiam a inutilidade do necessário (...)

Porque a poeta por ofício sabe que apenas as coisas cuja finalidade é difusa podem sobreviver mais tempo, podem se deslocar do centro para a margem mais devagar e, à deriva talvez, à espera do olhar poético, serão resgatadas em versos de perda e melancolia, mas persistirão até chegar aos leitores.

O drama do tempo, do que permanece plasmado à natureza carnal dos objetos, é, sem dúvida, uma das tônicas de *Lugares que esperam*. O poema a seguir, “Testemunhas”(73), é exemplar neste sentido:

Teu bairro não mais se alumia com teu casaco vermelho.  
Teus lençóis não afagam mais tuas mãos macias a alisá-los  
Teu cinzeiro sente falta das cinzas de teu cigarro

Teus enfeites, flores, vasos, estatuetas (...)

E assim o que o tempo leva, o que o tempo divide.

Do exílio a voz da poeta enxerga também a si mesma duplicada, aquela que segue pertencendo à esfera do cotidiano, e desta dualidade nascem versos de uma difusa melancolia:

Esbarro em mim mesma a cada esquina  
Absurdos encontros que assombram minhas noites  
Divididos em dois pesos e duas medidas  
Meus eus não conseguem compor a verdade.

Verdade inalcançável — mesmo através do artifício do poema — que se deixa roçar apenas de leve enquanto os versos ainda soam, nesta perplexidade convertida em palavras.

Estreia deveras promissora, que merece nossa leitura mais lenta e atenta, o livro de Suzana Pagot é antes de tudo uma obra de amor à poesia e ao fazer poético, à tradição lírica brasileira, e uma reivindicação ao lugar marginal dos poetas, à sina de estarmos a

guardar as fronteiras, no ar rarefeito dos ermos onde se podem ouvir os ecos da beleza antes de eles se desfazerem em silêncio.

**Pedro Gonzaga**

Doutor em Letras/ Literatura Portuguesa (UFRGS)